

MILTON GURAN - O senhor tinha me contado o começo da história...

CHARLES WHANOU - A história que partiu, segundo dizem os mais velhos, de uma preocupação pastoral do Padre Aupiais. Ele era cura da paróquia Notre Dame des Apôtres, de Porto Novo. Ele percebeu que os afro-brasileiros tinham nascido cristãos, sido batizados, desde a infância, e que os nativos, os que ficaram por aqui, não tinham sido tocados pelo avanço da evangelização. E, na ocasião das festas dos muçulmanos, eles iam lá simpatizar com eles. E ele imaginou, como meio para lhes tocar, a solenidade, os teatros, a Epifania, para convidá-los a ver naquilo que se passou através dos magos, o convite à fé. E é por isso que ele tentou imaginar entre os três magos, um mago que seria rei de Porto Novo. A partir daí, pouco a pouco os gom (etnia) foram se interessando e vindo para participar e depois para receber uma formação religiosa. Isso pode ser situado nos anos 1924, 1925, essa iniciativa do Padre Aupiais.

MG - Depois do teatro tem o passeio [NdT: em francês, promenade]. Esse passeio existia antes ou ele começou na mesma época?

CW - Isso deve ter começado na mesma época. Eu não tenho informações precisas, mas eu sei que isso data de muito tempo atrás. Porque para convidar as pessoas é preciso se unir a elas, lá onde elas possam se encontrar e possam aceitar um encontro sem compromisso.

MG - Porque o passeio é uma festa como o Carnaval no Brasil. O passeio é então uma festa de fachada brasileira! O que eu gostaria de saber é se o passeio existia antes ou se é uma demanda pastoral. Os fiéis que vão caminhar convidam outros para trazer a boa nova?

CW - Parece-me. Aí eu não tenho informações precisas, aí eu não tenho informações precisas. Vamos interrogar os afro-brasileiros como o senhor Da Silva, Karin Urbain, eles podem dar informações mais fiéis, mais fiáveis. Parece-me que seria uma iniciativa pastoral. Depois da cerimônia na missão, nós percorremos uma distância que as pessoas assistem e elas seguem até o mercado, e depois nós marcamos um encontro na missão.

MG - Antigamente, normalmente o passeio de diversas paróquias se encontrava no mercado? Esse ano não era possível porque tinha as obras. Onde eles se encontraram?

CW - Eu não sei exatamente.

MG - O senhor saberia a porcentagem de brasileiros que o senhor tem em sua paróquia?

CW - Eu não posso dizer se eles são 500 ou se são mil, eu não sei. Mas eles são numerosos. Nesse caso é melhor ver o consulado afro-brasileiro para ter informações precisas.

MG - Eu pensava que, no nível de sua paróquia eu poderia ter informações, porque a paróquia do senhor é a mais antiga. O consulado não pode me dizer o percentual de afro-brasileiros que existe aqui.

CW - Eles são numerosos.

MG - O senhor tem por aqui também outras festas que são parecidas com as festas religiosas? Por exemplo, a festa dos santos gêmeos, vocês não festejam isso?

CW - Nós não festejamos isso aqui. Atualmente eles instauraram isso em Uidá. O senhor sabe que em Uidá tem muitos afro-brasileiros.

MG - E a festa do senhor do Bonfim? Vocês também não têm?

CW - Não, quer dizer, Bonfim eles festejam isso, depois do próximo [dia] 22, lá. Os afro-brasileiros festejam isso. Isso não é uma festa religiosa.

MG - Essa igreja foi construída no mesmo sítio da primeira igreja que os afro-brasileiros fizeram aqui. Então, a primeira igreja de Porto Novo é uma igreja afro-brasileira? O senhor disse que foi nos anos 1865?

CW - Sim. Os missionários vieram em 1864 e já por esses anos, 1864, 1865, eles construíram a primeira igreja.

MG - Quando os missionários vieram não existia igreja brasileira?

CW - Sim, não existia igreja antes.

MG - Os afro-brasileiros construíram a igreja sob a demanda dos missionários?

CW - Sim.

MG - E essa igreja aqui, ela também foi feita por pedreiros brasileiros?

CW - Eu não sei. Como eram, sobretudo, franceses que eram os missionários, nós temos informações sobre a vida deles. Eu sei que em “Reconhecimento africano”, dos anos 1924, 1925, aqueles que participaram à construção da nova igreja a partir de 1924. É nessa época que a grande casa começou, em estilo gótico.

MG - Na opinião do senhor, os afro-brasileiros são diferentes dos outros beninenses? O senhor reconhece em sua atividade pastoral algumas características afro-brasileiras?

CW - Nós sentimos que os afro-brasileiros são, de fato, estilosos. Quer dizer, tem certa educação que se denota através dos modos deles. É o cuidado, a maneira de organizar as coisas. Como uma reverência ao Cristo. Quer dizer, não importa o que eles dizem, sentimos que eles são mais próximos do religioso, no sangue. Têm maneira no modo de viver.

MG - Nesse modo de viver, será que o senhor poderia me dar um exemplo?

CW - Eles têm o sentido da organização. Têm uma educação mais rebuscada.

MG - Isso causa problemas em relação aos outros beninenses? Quando se sabe que o senhor é De Souza, há. O senhor é escravo e também agudá, etc. Então, parece... Ele é um jovem menino, um adolescente, mas diz que não tem lugar para ele no Benin. Será que isso está na cabeça dele ou o senhor conhece pessoas que dizem que os brasileiros são escravos dos agudás?

CW - Isso não é verdade, hoje. Isso remonta há muito tempo atrás. Os brasileiros têm o orgulho de terem vindo de outro lugar e de serem como os cristãos, nascidos cristãos. E, às vezes... Mas isso não são fatos recentes. Atualmente, as pessoas não fazem mais diferença nesse nível aí. Mas isso existiu. Quer dizer, o orgulho do afro-brasileiro. Outros dizem: “Por que você é tão orgulhoso se você é escravo?”. Mas, atualmente, não é tão acentuado.

MG - Na opinião do senhor, qual é a paróquia com mais afro-brasileiros?

CW - Aqui em Porto Novo, há uma dezena de anos, as pessoas começaram a construir do lado de Saint François Xavier, nas zonas novas. Mas, de fato, é a paróquia *Notre Dame des Apôtres*. Eles estavam em volta. Os Gonzalo, os Da Silva, os Campos, etc. Foi quando não teve mais lugar na cidade antiga que as pessoas começaram a construir em outros lugares.

MG - Nós sabemos que a comunidade de origem afro-brasileira comportou elementos católicos, e também elementos muçulmanos, que vieram depois da revolta dos escravos islâmicos na Bahia? Como isso se passa em Porto Novo? Existe uma relação estreita entre as duas comunidades ou há uma crise?

CW - Exteriormente nós não vemos disputa. É no nível da festa, que eles vão celebrar no domingo que vem, que eu comecei a sentir que existem diferenças. Os que querem festejar seu pertencimento afro-brasileiro como cristãos se dizem que, além da festa, a fé não deve ser objeto de discriminação, de segregação. Esses dizem que o que é importante é de ser brasileiro; que nós somos nascidos afro-brasileiros e que isso é o que conta. Não é a fé e outros. É por isso, aliás, aqui, isso se manifesta na festa deles, onde os católicos festejam um domingo. Isso foi bastante violento com alguns jovens, eu os chamei para acalmá-los. Foi há dois anos.

MG - Eu conheço uma família afro-brasileira na qual as crianças são católicas da igreja do senhor, mas eles festejam a Burrinha na casa do Karin. E ele diz que a festa da Burrinha é uma festa brasileira! Não é uma festa brasileira! No Brasil, tem certo cruzamento, uma invasão de cultos. Eu não quero dizer sincretismo. Com frequência a grande maioria da população é católica, mas também não esquece de acender uma vela para Oxalá e de fazer à Xangô etc. E tem os que são muito mais ligados à Orixás, mas não esquecem São Jorge, etc. Os afro-brasileiros têm também esse duplo boné, entre o catolicismo e o vudu [NdoT: voodoo, no manuscrito]?

CW - A gente percebe algumas vezes, mas não é assim tão evidente. Não é como nos lugares onde eles se agarram àquilo que faz parte do pertencimento deles, sua especificidade, que se dizem, mas de fato, nós viemos de outro lugar, e esse lugar tem um culto que não é tão mau assim. Mas a gente não percebe de modo evidente isso aqui. Mas, na consciência profunda, tem essa dupla prática, algumas vezes.

MG - Mas a ideia que atrai [NdoT: no manuscrito se lê "tire"] a consciência afro-brasileira se evidencia mais pelo catolicismo do que pelo vudu.

FIM